



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

## **EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL CRÍTICA: COMO EDUCAR ADULTOS?<sup>1</sup>**

**Franciéli Aline Conte<sup>2</sup>, Karen Villanova Lima<sup>3</sup>, Johannes Doll<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Ensino e Currículo pertencente ao Grupo de Estudos Educação e Envelhecimento

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Doutorado em Educação (UFRGS), bolsista CAPES, francielicone@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Educadora, Gerente da escola Master English, aluna do Mestrado em Educação (UFRGS); karen@masterenglish.com.br

<sup>4</sup> Professor Orientador, Doutor em Educação, Curso de Educação- UFRGS, johannes@ufrgs.br

### **Resumo:**

A alimentação e nutrição é um tema emergente na sociedade atual tendo em vista a transição alimentar e nutricional em nível mundial e o modelo de produção de alimentos ultra processados e prontos para o consumo. Este estudo teve como proposta problematizar a educação de adultos/idosos em relação a educação em nutrição. Foi realizado uma busca em dois principais sites de busca científica: Scielo e Google Acadêmico, utilizando as palavras chave: adultos e educação em nutrição. Fizeram parte do estudo ao final cinco documentos, os quais apresentaram como principais resultados o seguinte: a educação alimentar e nutricional é uma importante ferramenta, capaz de promover mudança nos hábitos alimentares, no estado nutricional a longo prazo e potencialidade para prevenção e tratamento da obesidade sendo imprescindível o trabalho baseado na realidade de cada sujeito. A educação de adultos, independente se ser formal ou informal **deve** promover a autonomia dos sujeitos e a conscientização.

### **INTRODUÇÃO:**

Este ensaio busca trazer algumas problematizações acerca da educação em nutrição de adultos/idosos em um contexto informal de ensino-aprendizagem. Inicialmente trago tal problemática porque na atualidade vivenciamos sérios problemas de saúde pública, originados em parte, pelo modelo global de alimentação, ou melhor, um cenário de transição alimentar e nutricional[1] e, ao mesmo tempo um período de transição epidemiológica[2] demarcado por agravos crônicos que faz milhares de vítimas de mortes e morbimortalidades anualmente (MALTA, SILVA, 2018).

Um outro contexto diz respeito a emergências sobre saberes alimentares, visto que os alimentos prontos (produtos ultraprocessados) passaram a ser a base da alimentação e não mais os alimentos em sua forma “natural”/integral. Outro ponto a ser tratado é a questão das ofertas alimentares: em meio a tantos produtos, marcas e formas de apresentações comerciais de alimentos fica difícil saber fazer escolhas, ou mesmo refletir sobre o que se está consumindo. Nesse sentido a educação em nutrição aparece como uma emergência, em especial entre as



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

populações mais vulneráveis e menos instruídas, afinal, produtos ultraprocessados por vezes são baratos, práticos, “saborosos”, além de carregarem determinadas “marcas” que promovem “status”, ou seja: que fazem parte da chamada cultura de massa, consumida mundialmente por todos os públicos.

Alimentos ou melhor, produtos, que carregam “grandes marcas”, fazem parte da chamada cultura de massa por possuírem um alcance global/universal. Os produtos da cultura de massa são produzidos e adaptados para as massas, com a intenção de sustentar a ideologia do mercado dominante, estando entre eles roupas, “musicas”, telenovelas, *Reality Shows*, os quais podem ser acessados por todas as classes sociais, produzindo sensação de igualdade, pertencimento, poder ou satisfação (FABIANO, SILVA, 2012).

A sensação de pertencimento, a possibilidade de ter acesso a “bens de consumo universais” é sem dúvida interessante, em especial, quando os mesmos envolvem “status”, baixo grau de instrução e baixo poder aquisitivo. Mas afinal, o que isso tem a ver com a educação (de adultos)?

Um baixo grau de instrução, segundo Souza (2012, p.17), “reflete situação socioeconômica que, por sua vez, determinam condições de vida e conseqüentemente condições de saúde”, que de modo geral tendem a ser difíceis, com poucos recursos. A educação/instrução possibilita a oportunidade de ampliar as possibilidades da vida nos mais variados sentidos, como trabalho, renda, qualidade de vida. De acordo com Vieira Pinto (1994, p. 35) a educação “formalizada” reflete sobre as ações entre os homens na sociedade, sobre a compreensão da realidade em que vivem, bem como sobre os posicionamentos e consciência perante a vida em sociedade.

A educação de adultos, vem a ser um ponto muito favorável de oportunidades, de compreender o mundo e refletir sobre a realidade vivida, tomar consciência das escolhas, do trabalho e de uma série de outras questões. Por outro lado, experimentar uma educação “informal” pode também possibilitar tais vivências. Menciono aqui a experiência de educação em nutrição para adultos e idosos, em especial, com pouca ou nenhuma instrução formal.

A alimentação, apesar de ser um ato natural (ou que deveria ser), envolve planejamento, sentidos, consciência, ou seja: quando compramos ou produzimos/preparamos um determinado alimento, estamos fazendo escolhas, entretanto, muitas pessoas compram ou produzem alimentos sem terem a consciência do que estarão de fato consumindo, ou sabem que “não faz bem” e ignoram este saber. Através de tais considerações, este ensaio busca problematizar a educação de adultos/idosos em relação a educação em nutrição.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo, mediante revisão narrativa de documentos. A busca dos documentos foi realizada de modo “simples”, nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, nos últimos cinco anos. Além de artigos, foram inseridos livros e documentos considerados importantes para embasar tal estudo. Foram utilizadas na busca as palavras “adultos + educação



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

em nutrição”, sendo encontrados 33 documentos no site Scielo e 57 no Google Acadêmico.

Foram incluídos nos resultados, artigos científicos de origem primária, envolvendo algum tipo de intervenção alimentar/nutricional, entre o período de 2013 a 2018, em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, sendo excluídos documentos que não fossem um artigo científico, como capítulos de livros, teses e dissertações, estudos de revisão da literatura, artigos que não tratassem de algum dos itens da temática, por exemplo, não tratar da temática educação alimentar e nutricional e sim de outras intervenções, ou não ser em populações adultas, publicações fora do período proposto, estudos em animais, etc.

Para a seleção inicial dos estudos foi realizada a leitura dos títulos de todos os documentos, sendo excluídos nesta primeira etapa, 28 artigos do site Scielo e 49 do Google Acadêmico, por diversos motivos, em especial por não tratarem do tema de estudo e por se tratar de estudos de revisão, ou por incluir o uso de suplementos, vitaminas e minerais. Após esta etapa, foram lidos todos os resumos, onde foram excluídos mais 13 documentos, em especial por tratarem de artigos de revisão e por estarem fora do período de publicação. Posteriormente a esta etapa foram lidos todos os documentos na íntegra, sendo incluídos ao final, 3 artigos da base Scielo e 2 do Google Acadêmico.

## RESULTADOS

Quando falamos em educação de adultos, podemos nos remeter a três principais aspectos: a educação no ensino superior, a educação de jovens e adultos (EJA) ou ainda a educação não formal de jovens e adultos, a qual “define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino”, segundo Bianconi e Caruso (2005).

A partir dos achados encontrados e selecionados nos sites de busca foi realizado um quadro com os principais resultados a respeito do tema, adultos e educação alimentar, o qual enquadra-se na categoria de ensino não formal, realizado em espaços diversos, não escolares/universitários.

**Quadro 1:** Relação de documentos selecionados e suas principais informações.

Autor/ano	OBJETIVO	N	T	RESULTADOS
-----------	----------	---	---	------------



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Araújo, 2017	Realizar uma atividade de educação alimentar e nutricional (EAN) com mulheres frequentadoras de uma instituição religiosa	9	2 meses (6 encontros)	Segundo os autores, a principal dificuldade relatada pelas mulheres para ter uma alimentação saudável foi a baixa renda. A atividade de EAN foi contribuir com a melhora dos hábitos alimentares, em especial porque foi pautada na realidade das participantes.
Bernardes, Marin-Leon, 2018	Avaliar um programa de Educação Alimentar e Nutricional em grupo para o tratamento do excesso de peso em mulheres brasileiras usuárias da Estratégia de Saúde da Família	172	6 meses (6 encontros)	O trabalho de EAN possibilitou perda de peso significativamente superior no grupo intervenção, como redução do peso e do índice de massa corporal (IMC), sendo que entre aquelas que finalizaram a intervenção (n=71) observou-se uma redução média de -5,15Kg, e de 2,04 Kg/m <sup>2</sup> no IMC, sendo mantido esta conquista em 40,8% do grupo, sete meses posteriores o termino da intervenção.
Micali, Diez Garcia, 2016	Traçar o percurso da construção de um instrumento imagético explorando recursos semióticos para EAN	9	1 dia	O instrumento construído através de imagens abordou quatro temas importantes que contribuíram para a orientação de problemas alimentares diagnosticados, entre eles a prevenção e tratamento da obesidade, e a promoção da alimentação saudável, pautados na realidade alimentar dos sujeitos.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Silva, 2013.	Avaliar as oficinas (de EAN) como uma estratégia de intervenção nutricional, com foco na aquisição de informações em nutrição e na percepção de mudanças de hábitos alimentares	132	4 meses (4 encontros)	Entre os (as) participantes das oficinas, 90,9% referiram mudança de hábito alimentar, em especial a diminuição da ingestão de óleos, gorduras e frituras (29,5%) e o aumento no consumo de frutas e hortaliças (22,5%), sendo a recomendação de redução do consumo de açúcares e doces relatada como a mais difícil de ser seguida (21,1%). A avaliação do observador apontou entre outras a necessidade de continuidade das ações. O estudo apontou que a intervenção resultou em redução média significativa de 1,13 kg/m <sup>2</sup> no IMC após a intervenção (p=0,000), a além de redução média de 3,57 cm na CC. O protocolo realizado foi satisfatório, resultando também em mudança de hábitos alimentares, como o aumento do consumo de água e alimentos mais saudáveis (63,1%).
Zuccolotto; Pessa, 2018	Avaliar o impacto de uma estratégia multidisciplinar para adultos com excesso de peso nos indicadores antropométricos e nas mudanças de hábitos	176	12 sem (12 encontros)	

N=número de participantes; T=tempo de intervenção; Sem=semanas.

## DISCUSSÃO

Os achados encontrados nos estudos demonstram a importância da educação alimentar e nutricional, em especial porque são capazes de promover mudanças na alimentação (hábitos alimentares) (ARAÚJO, 2017; SILVA, 2013), mudanças no estado nutricional a longo prazo, como redução de peso, IMC e perímetro abdominal (BERNARDES, MARIN-LEON, 2018; ZUCCOLOTTO; PESSA, 2018), ou ainda demonstrou potencialidades para prevenção, tratamento da obesidade e promoção da alimentação saudável (MICALI, DIEZ GARCIA, 2016). Um ponto importante a ser observado é que a maioria das intervenções referiram o trabalho de educação alimentar pautado na realidade dos sujeitos envolvidos, e para a realização dos “programas de intervenção” utilizaram-se de instrumentos visuais, rodas de conversa, avaliação do próprio programa, ou seja: todas as intervenções basearam-se não em instrumentos “formais” de ensino e contaram com a



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

participação ativa dos/as participantes. Isso mostra claramente a importância do envolvimento ativo dos participantes no processo educativo, na perspectiva de Paulo Freire, sem o qual o “ensino” fica somente em nível superficial sem causar impacto nas pessoas.

Neste sentido, percebe-se a importância do engajamento do trabalho de educação e saúde, tendo em vista que profissionais da saúde são detentores de saberes técnicos, mas que necessitam, principalmente de habilidades e valores que possibilitem o funcionamento do sistema de saúde (baseado na prevenção, promoção e recuperação da saúde). Deste modo, o uso de metodologia participativa, utilizando o diálogo com e nas classes populares ou mais desfavorecidas socialmente, deve ser um dos principais instrumentos na educação em saúde, dentre elas a educação alimentar e nutricional.

Além destas questões, se faz necessário perpassar os saberes técnicos de cada profissão e trabalhar com a multiprofissionalidade, possibilitando espaços aos usuários do sistema de saúde público e fortalecer a interação entre o mundo do trabalho e do ensino (CECCIM, CARVALHO, 2006). Sendo assim, a universidade possui papel fundamental nesse sentido, por ser a instituição formadora de profissionais, portanto, deve promover e possibilitar o trabalho interdisciplinar e o dialógico.

Segundo a pesquisadora Busnello (2014, p. 52-53), os profissionais devem sempre buscar respeitar os saberes populares e visar a “implementação de políticas de educação públicas de saúde e de educação que favoreçam, apoiem, estimulem os processos de transformação das práticas educativas e de formação”.

Vivenciamos sérios problemas na saúde pública e na educação, fortalecer tais “laços” se torna imprescindível, visto que temos um país sedento por melhorias nestes (e em outros) setores, em especial para as mulheres que detém culturalmente múltiplos papéis o que acarreta em sobrecargas físicas e mentais ao longo da vida, e que majoritariamente ainda possuem menos escolaridade, menores salários, maior carga de trabalho, entre outras injustiças.

Na atualidade vivenciamos ainda sérios problemas na saúde pública e na educação, fortalecer tais “laços” se torna imprescindível, visto que temos um país sedento por melhorias nestes (e em outros) setores, em especial para as mulheres que detém culturalmente múltiplos papéis (sobrecargas) ao longo da vida, e que majoritariamente ainda possuem menos escolaridade, menores salários, etc.

Problematizar e refletir acerca da realidade e dos problemas é de suma importância no processo de aprendizagem e mudança. Cada vez mais percebo a importância da educação na saúde e da necessidade de nos aproximarmos de importantes teóricos da educação e da sociologia para entendermos melhor todo esse processo, entre eles: Freire, Giroux, Piaget, Bourdieu, entre outros.

A educação crítica em saúde parece ser a melhor denominação para a realização do trabalho em educação alimentar e nutricional, em que a crítica representa a relação de diálogo e de questionamentos, permitindo ou possibilitando que os sujeitos produzam conhecimentos através de reflexão e problematização, resultando em mudanças práticas e transformação social (FREIRE,



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

2010).

Um importante fato a ser mencionado é que os pesquisadores Magalhães, Martins e Castro já falavam em educação nutricional crítica no ano de 2012, e evidenciaram a importância da atuação de profissionais nutricionistas como educadores (as) em todas as etapas de intervenção alimentar e nutricional, e que o trabalho deveria ser pautado “em teorias pedagógicas norteadoras da educação alimentar e nutricional crítica”, que agregassem, entre outros conceitos o de educação em saúde, aconselhamento dietético, psicologia em grupo, antropologia da alimentação e segurança alimentar e nutricional. Além de tudo, os mesmos autores destacaram a fragilidade da formação dos profissionais em relação a ausência ou vaga capacitação pedagógica analítica, dinâmica e criativa.

A educação alimentar pode possibilitar a “transformação” dos hábitos alimentares, do estado nutricional e da saúde em si, levando-se em consideração que a alimentação inadequada é parte das principais causas de excesso de peso e seus agravantes, como hipertensão, dislipidemias, doenças cardiovasculares entre outras, na atualidade. Neste sentido, vemos a importância em problematizar os alimentos consumidos, sem deixar o contexto social e econômico das pessoas.

Neste sentido, Bourdieu menciona que os hábitos alimentares estão imbricados nas questões sociais e econômicas e que, portanto, são determinadas pela quantidade ou tipo de capital que possuem. Cada classe (social/econômica) tem seu próprio *habitus*<sup>[3]</sup>, o que justifica suas ações e práticas (alimentares neste caso) dos agentes (BOURDIEU, 1996).

Segundo Marques e Gutierrez (2009, p. 102) não podemos esquecer que:

“existe desigualdade no acesso aos alimentos, o alcance da possibilidade de escolha em relação ao quê, onde, quando, como e com quem comer, pode ser representado como a posse de um capital simbólico pelo agente. Ou seja, a aquisição de um reconhecimento social de que ele tem condições socioeconômicas que o diferenciam de outros e que lhe permitem circular em determinadas esferas da sociedade”.

A citação acima nos faz refletir não só a atuação profissional, mas também o modo de atuar. A alimentação muito além de ser uma necessidade fisiológica, é também o produto de interferências econômica, cultural, política e portanto, sofrerá influências regionais ou mesmo “universais”. Não podemos esquecer que os produtos produzidos em larga escala, ricos em açúcares, gorduras e sódio são os mais acessíveis sob ponto de vista de acesso e também economicamente.

A pesquisa de Carneiro, (2015), que buscou compreender as práticas alimentares e as estratégias de enfrentamento da insegurança alimentar e nutricional (IAN) de famílias titulares do Programa Bolsa Família demonstrou que a dieta das famílias beneficiárias apresentava importantes variações ao longo do mês, acarretando em oscilações no acesso de vários grupos alimentares, implicando em uma monotonia alimentar. As mulheres que se percebiam em IAN relataram a



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

presença de fatores que se relacionavam com a maior vulnerabilidade socioeconômica e alimentar, como baixa escolaridade, doença na família e monoparentalidade feminina. A pesquisa demonstrou ainda que a principal forma de obtenção dos alimentos foi a compra em mercados varejistas, além do recebimento de ajuda alimentar.

Por este e outros motivos, não podemos ignorar o fato de que a educação tanto formal, quanto informal é um instrumento de transformação social. A realidade social de milhões de brasileiros é muito dura e quando estamos falando de insegurança alimentar falamos qualitativa e quantitativamente. Educar e conscientizar sem dúvida é preciso, mas antes de tudo, compreender a realidade alimentar é fundamental para que posteriormente os sujeitos sejam capazes de aceitar e compreender as mudanças como algo necessário para daí transformar suas ações, neste caso, a alimentação, cujo trabalho educativo deverá ser baseado no diálogo, na escuta, na compreensão do contexto socioeconômico e cultural dos indivíduos, em questionamentos e reflexão.

A pesquisadora GASSE (2016) fala de educação em um sentido amplo, que deveria ser realizada ao longo da Vida. Sem dúvida, somos seres em contínuo aprendizado, no entanto, não podemos esquecer que para isso precisamos de acesso. Nesse mesmo sentido, Gasse (2017) defende que o estudo muitas vezes (formal) só é possível quando realizado no modelo de educação à distância (EAD), conforme seu relato e experiência com alunos de mestrado da África Subsaariana, um país com extrema desigualdade social, assim como o Brasil. Entretanto, esta comparação não se dá em todos os âmbitos pois nós brasileiros temos algumas “vantagens”, como maiores oportunidades de acesso, por exemplo.

Não podemos negar que somos um país em busca de conhecimentos diversos, um país que ainda sofre com as “marcas” da colonização, com má distribuição de terra, trabalho e renda, com pouco ou mínimo acesso à cultura, à alimentação equilibrada, que sofre com violência e desemprego, doenças crônicas, etc. Desde modo, vemos neste contexto a importância da educação, um dos principais pilares que pode possibilitar não só um melhor desenvolvimento social, econômico e cultural, mas também a reflexão sobre os hábitos de vida, o estilo de vida das pessoas e modo como atuam no mundo.

Nesse sentido, trazemos um dos renomados pensamentos de Freire: “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”, e assim, deixamos ainda algumas outras reflexões e questionamentos nesse sentido: em primeiro lugar, mencionar que a educação é um processo que se dá a longo prazo e ao longo de toda a vida e que, portanto, o acesso às diversas formas de educação é imprescindível. Em segundo lugar, questionamos como se mede o sucesso ou insucesso das intervenções alimentares e por quanto tempo, onde e qual a amplitude desse efeito? Considerando que as pessoas se constituem de diversas camadas (fisiológica, cultural, social, econômica, psicológica, entre outras), intervenções alimentares poderiam provocar efeitos na camada cognitiva, auxiliando na prevenção ou corroborando com transtornos e demências como o Alzheimer? Uma outra questão envolve quem de fato é responsável por realizar a “educação nutricional”, quem de fato a faz e como que é feita, além disso, é preciso pensar com qual público e com qual intenção realizamos a educação alimentar e em que de fato resulta esta educação: promoção, prevenção ou recuperação da saúde? Como uma



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

abordagem de educação nutricional que vise diminuir intervenções farmacológicas poderia ser desenvolvida e implementada? Como conseguir ser efetivo em um mundo globalizado, multifacetado, influenciado pela mídia, pelo marketing, por novos vícios do paladar criados diariamente e por hábitos alimentares "consolidados" na infância?

### CONCLUSÕES

Este estudo buscou problematizar a educação de adultos em relação a educação em nutrição. Através dos achados e reflexões acerca do tema, é possível inferir que a educação alimentar e nutricional é um tema emergente na atualidade, o qual é atravessado por muitas questões e estão imbricadas na educação de adultos e nos hábitos alimentares, em especial na baixa camada social com baixa escolaridade. Compreender tal realidade e possibilitar a tomada de consciência dos sujeitos é uma tarefa desafiadora, mas que parece ser efetiva de fato. A educação e conscientização em nutrição será possível por meio do diálogo, da escuta, de questionamentos e reflexões acerca do contexto socioeconômico, cultural e portanto da realidade alimentar. A educação nutricional crítica, poderá deste modo, efetivamente promover consciência da alimentação, mudanças de hábitos alimentares e do estado nutricional de adultos que estão fora da escola. Entretanto, não é um empecilho para ser realizado na educação formal de adultos (EJA) ou mesmo de crianças e adolescentes.

**Palavras-Chaves:** Educação em Nutrição; Educação Crítica; Adultos.

**Agradecimentos:** Ao Programa CAPES e ao grupo de Pesquisa de Estudos sobre o Envelhecimento.

### Referências:

ARAÚJO, Tatiane Silva De. Educação alimentar e nutricional com mulheres frequentadoras de uma instituição religiosa do DF. Centro universitário de Brasília- UniCEUB. Faculdade de ciências da educação e saúde curso de nutrição, Brasília, 2017

BERNARDES, Milena Serenini; MARIN-LEON, Letícia. Educação alimentar e nutricional de base grupal para o tratamento da obesidade em mulheres adultas utilizando a estratégia saúde da família. Rev. Nutr. Campinas, v. 31, n. 1, p. 59-70 de fevereiro de 2018.

BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. Educação não formal. Cienc. Culto. São Paulo, v. 57, n. 4, p. 20, dezembro, 2005.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

BOURDIEU, P. *Razoes práticas sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. A. O hábitus e o espaço dos estilos de vida. In: *A Miséria do mundo: crítica social do julgamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: *O poder simbólico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.59-73.

CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier; 2003. 185 p.

FABIANO, Luiz Hermenegildo, SILVA, Franciele Alves da. Massificação cultural, práticas educativas e autonomia social. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 1065-1084, set./dez. 2012.

GASSE, Stéphanie. Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos na África subsaariana: o desafio de um mestrado universitário francófono a distância *Revista Teias* v. 17, p. 141-159, 2016.

GASSE, Stéphanie. Mar de Provas no Sahel: interrogar a pedagogia universitária a distância *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 515-516 531, abr./jun. 2017.

KAC, Gilberto; VELASQUEZ-MELENDZ, Gustavo. A transição nutricional e a epidemiologia da obesidade na América Latina. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, p. S4-S5, 2003.

MAGALHÃES, Ana Paula Abreu; MARTINS, Kéziah da Cunha; CASTRO, Teresa Gontijo de. Educação alimentar e nutricional crítica: reflexões para intervenções em alimentação e nutrição na atenção primária à saúde. *Rev. Min. Enferm.*;16(3): 463-470, jul./set., 2012.

MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Maria Alves da. As doenças e agravos não transmissíveis, o desafio contemporâneo na Saúde Pública. Editorial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2018.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis. Contribuições Teóricas da Obra de Pierre Bourdieu à Educação Nutricional. In: MENDES, Roberto Teixeira, Vilarta, Roberto; GUTIERREZ, Gustavo Luis (organizadores). *Qualidade de vida e cultura alimentar*. Campinas: Ipês Editorial, Unicamp, 2009.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

MICALI, Flávia Gonçalves;; DIEZ-GARCIA, Rosa Wanda. . Pictorial instrument of food and nutrition education for promoting healthy eating Rev. Nutr., Campinas, 29(6):917-928, nov./dez., 2016

SILVA, Camila Pereira da et al. Intervenção nutricional pautada na estratégia de oficinas em um serviço de promoção da saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais. Revista de Nutrição Rev. Nutr., Campinas, 26(6):647-658, nov./dez., 2013.

SOUZA, Damião Ernane de. Determinação social da saúde: associação entre sexo, escolaridade e saúde autorreferida / Damião Ernane de Souza. -- Salvador: D.E. Souza, 2012. 116f. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10927/1/Tese%20Dami%C3%A3o%20Ernane%20Souza.%202012.pdf>. Acesso em: 15 de out de 2018.

SCHRAMM, Joyce Mendes de Andrade et al. Transição epidemiológica e o estudo de carga de doença no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 4, p. 897-908, 2004.

BUSNELLO, Maristela Borin. Grupos de mulheres do meio rural: espaço educativo e cuidado de si / Maristela Borin Busnello. - Ijuí, 2014. Tese (doutorado) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí e Santa Rosa). Educação nas Ciências. 124 f.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, Y. M. Ensino da saúde como projeto da integralidade: a educação dos profissionais de saúde no SUS. In: CECCIM, R. B.; PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006.

CZERESNIA, D. Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010b.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. 9o ed. São Paulo: Cortez 1994.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WACQUANT, L. Hábitus. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes; Hey, Ana Paula. Vocabulário Bourdieu. Belo-Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 213.



**Tipo de trabalho:** TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

ZUCCOLOTTO, Aline Corrêa Dias, PESSA, Rosane Pilot. Impacto de um programa de educação nutricional em adultos: antropometria e mudanças alimentares. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*. São Paulo. v.12. n.70. p.253-264. Mar./Abril. 2018.

---

[1] Transição nutricional: “Entende-se por transição nutricional, o fenômeno no qual ocorre uma inversão nos padrões de distribuição dos problemas nutricionais de uma dada população no tempo, ou seja, uma mudança na magnitude e no risco atribuível de agravos associados ao padrão de determinação de doenças atribuídas ao atraso e à modernidade, sendo em geral, uma passagem da desnutrição para a obesidade.” (KAC, VELASQUEZ-MELENDZ, 2003)

[2] Transição epidemiológica: “Entende-se por transição epidemiológica as mudanças ocorridas no tempo nos padrões de morte, morbidade e invalidez que caracterizam uma população específica e que, em geral, ocorrem em conjunto com outras transformações demográficas, sociais e econômicas (Omram, 2001; Santos-Preciado *et al.*, 2003). O processo engloba três mudanças básicas: substituição das doenças transmissíveis por doenças não-transmissíveis e causas externas; deslocamento da carga de morbi-mortalidade dos grupos mais jovens aos grupos mais idosos; e transformação de uma situação em que predomina a mortalidade para outra na qual a morbidade é dominante” (SCHRAMM *et al.*, 2004).

[3] Os *habitus* podem ser considerados um grupo de conhecimentos adquiridos e incorporadas ao longo do tempo que irão construir objetividades e subjetividades (BORDIEU, 2002). É “um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33) que geram uma racionalidade prática (que é adquirida através de interações sociais) e que se transforma em condicionante e condicionador de nossas ações (THIRY-CHERQUES, 2006). Os hábitos alimentares e modos de se alimentar fazem parte deste “sistema”, influenciado por questões sociais, econômicas, culturais, etc.